

O garoto de Charlot

Um filme de Charlie Chaplin



The kid / O garoto de Charlot

Ficha Técnica

Realizador e argumentista: Charlie Chaplin

Produção: Charlie Chaplin Productions

Fotografia: Roland Totherot

Música: Charlie Chaplin

Montagem: Charlie Chaplin

Direção Artística: Charles D. Hall

Origem: EUA

Ano: 1921

Duração: 50'

Distribuição: First National

Intérpretes principais:

Charles Chaplin, Edna Purviance, Jackie Coogan, Carl Miller

Classificação etária: Maiores de 6 anos



Sinopse:

- Uma mulher, cujo único “pecado” é a maternidade, só e desalentada, vê-se a braços com um dilema: ficar ou abandonar. Crendo que o melhor destino que pode dar ao seu bebé recém - nascido é deixá-lo à mercê de uma família abastada, abandona o filho numa limusina. Por ironia do destino, o carro será roubado e o bebé deixado na rua. Deste duplo abandono irá nascer uma feliz casualidade: um vagabundo de bom coração encontra o bebé e, depois da resistência inicial, decide adoptá-lo e criar a criança como se fosse sua. Cinco anos passam: a mãe da criança, ignorando o destino do filho, tornou-se uma estrela de ópera e tenta colmatar as falhas do passado com os seus atos de caridade; a criança e o vagabundo vivem juntos, formam uma família com laços estreitos, amam-se e protegem-se mutuamente, e a sua rotina e trabalho são interdependentes. Mesmo num contexto de pobreza extrema, vivem felizes, unidos, mas essa estabilidade é ameaçada no dia em que a criança adoece: os médicos e os responsáveis dos serviços sociais, ao descobrirem que o vagabundo não é o pai da criança, tentam separá-los. Após algumas peripécias, a criança é devolvida à mãe biológica; o vagabundo erra e senta-se nos degraus da sua casa, adormecendo e sonhando com um mundo onde a amizade prevalece, onde tudo é idílico e pacífico, até ao momento em que o pecado se infiltra no coração da cidade. Um polícia acorda-o violentamente, e força-o a abandonar o local. Uma vez mais o destino sorri, a todas as personagens envolvidas: o vagabundo é levado até à casa da mãe, onde se encontra a criança... O filme termina com a esperança de que estas três personagens, depois de toda a turbulência, possam encontrar tempos de tranquilidade e de felicidade, sem nunca mais terem de se separar.

O realizador: Charlie Chaplin

- Nasceu em Inglaterra (16 de abril de 1889);
- Reconhecimento com a personagem *O vagabundo*;
- Na Europa: é conhecido por Charlot;
- Com 19 anos chega à América;
- 1915: ano em que escreve, protagoniza e realiza a curta-metragem “O vagabundo”, uma das personagens mais famosas do cinema.



Como nasceu o *vagabundo*

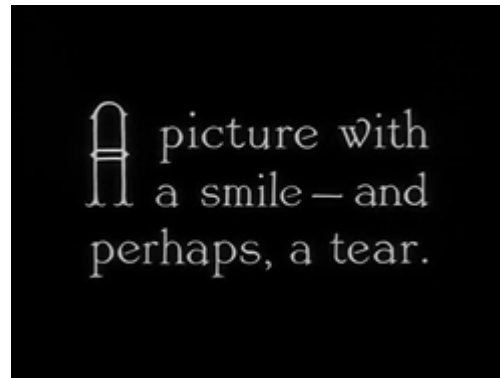
- *Entrei no camarim e, enquanto ia para lá, pensei “bem, vou pedir para fazer tudo em contradição – calças largueironas, casaco apertado, cabeça grande, chapéu pequeno – maltrapilho mas, ao mesmo tempo, um cavalheiro”. Não sabia como ia criar o rosto, mas seria triste, teria uma cara séria. Eu queria esconder que era cómico, então encontrei um pequeno bigodinho.*

Caracterização

- um vagabundo (muitas vezes sem-abrigo);
- vive em condições de pobreza abjeta;
- tem modos de um autêntico gentleman;
- a forma como se apresenta é cômica, capaz de nos arrancar sorrisos, no entanto é uma personagem séria, até um pouco taciturna;
- Mas é no seu interior que vivem os sentimentos que melhor o caracterizam: a sua humildade, o coração meigo, a honestidade e a capacidade de sacrificar o seu bem-estar e felicidade se isso significar a bonança dos que o rodeiam.

Análise fílmica

- 1ª longa-metragem de Charlie Chaplin;
- Argumento: equilíbrio entre o drama e o cómico;
- O 1º intertítulo indica o conteúdo do filme

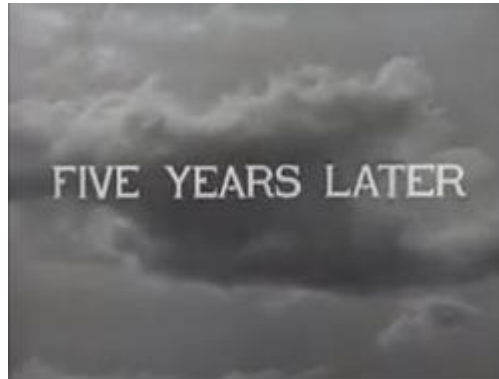


Um filme com um sorriso – e talvez, uma lágrima

- Temas abordados: o abandono, a pobreza, a tentativa de suicídio, o roubo;
- Estratégias de comunicação: mímica (forma de transmitir sentimentos), música (acompanha a ação) e os intertítulos (espécie de diálogos, fornecem dados sobre as personagens ou situam-nos no tempo)

Intertítulo

Esta informação é essencial para que se compreenda a evolução da narrativa.



Sem um único comentário escrito, a **montagem** está a produzir sentido. A segunda imagem acrescenta algo à primeira, inflaciona a carga dramática e diz-nos de uma forma muito clara “esta mulher é uma mártir; vejam como sofre”...

Análise da sequência inicial



O **intertítulo** (1) prepara-nos para a chegada do protagonista e, mal o vemos, compreendemos a carga humorística da frase “o seu passeio da manhã”; este Vagabundo não é um vagabundo qualquer e os seus hábitos são curiosos, começando pelo passeio matinal.



Charlot surge ao longe (2) e a câmara está estrategicamente posicionada no local onde os ladrões abandonaram o bebé. Este é um **plano sequência** porque, embora a câmara não saia da mesma posição (há apenas um ligeiro movimento para reenquadrar o ator), anotamos duas escalas de planos: começa por ser um **plano de conjunto** (2). Ao plano de conjunto sucede um **plano médio** (3).





Do **plano médio** (3) passamos para um **plano de pormenor** (4) – ao aproximar consideravelmente a câmara da ação a ser filmada, somos convidados a acompanhar todos os movimentos da personagem e a consolidar as informações que já tínhamos sobre esta: verificamos que na sua elegante caixinha de metal, o Vagabundo guarda o seu precioso tabaco... que não é mais do que beatas reaproveitadas!



Cortando para um **plano americano** (5), o Vagabundo fica ainda mais próximo da câmara (e, em consequência, mais próximo de nós). Aqui, melhor do que no plano médio, podemos demorar um pouco o nosso olhar sobre esta curiosíssima personagem, o seu casaco, as suas calças, as luvas (completamente gastas e rasgadas); nesse mesmo plano há algo que desperta a atenção da personagem (6): esse *algo* encontra-se **fora de campo** e, sendo este um filme mudo, a posição do rosto e a direção do olhar do ator são essenciais para que compreendamos o que se passa – no entanto, é também verdade que neste momento do filme o espectador está consciente de que o bebé está no chão: não só assistimos anteriormente à cena em que os ladrões abandonam o bebé, como fomos ainda lembrados, no plano 3, da sua exata localização.



A passagem do plano 6 para o plano 7 ilustra a forma como dois planos podem ser ligados pelo olhar – ***raccord de olhar*** –, relacionando a direção do olhar de Charlot (6) com o *objeto* observado (7). Deste último plano (cuja escala é discutível, mas consideremo-lo aqui como um **plano de pormenor**, já que se trata de um elemento isolado no cenário que capta a atenção de Charlot) regressamos ao **plano médio** (verifique-se que o plano 8 e o plano 3 têm a mesma escala) onde assistiremos ao desenrolar da ação.

Nesta sequência reparamos que o Vagabundo olha diversas vezes para a câmara. Podemos compreender que Chaplin, um ator que iniciou a sua carreira nos palcos, tenha transportado para o Cinema uma relação de proximidade com o público (isto é, uma relação de contato direto e imediato) – no entanto, é de extrema importância assinalar que olhar para a câmara não é característico do Cinema Narrativo Clássico, pelo contrário: é necessário que todos os dispositivos cinematográficos sejam “invisíveis” e que não criem ruídos desnecessários que quebrem ou interpelem a narrativa. Se os olhares que o Vagabundo nos lança a nós, espetadores, são tímidos e disfarçados, o mesmo não poderá ser dito da cena em que o médico se apercebe de que o Vagabundo não é o pai da criança: esta “regra” (a do não-olhar para a câmara) é radicalmente quebrada. O seu rosto mostra-nos o espanto que sente e está, claramente, a interagir com o público, convocando-o a participar na ação.



O médico olha para nós como que perguntando “então, este não é o pai da criança?, será que vocês sabem de algo que eu não saiba?”

- Adaptação de um documento produzido pela Dr^a Elsa Mendes, Coordenadora do Plano Nacional de Cinema